

prefeitura, acompanhado da esposa e da senhora Frola, sua sogra.

O motivo de toda a celeuma dá-se não só pela quebra do trio tradicional da família – pai, mãe e filhos(as) –, mas especialmente pelo comportamento inusitado de seus integrantes.

Incapazes de se furtar à curiosidade geral dos que os cercam, os protagonistas da peça veem suas vidas logo devassadas e passam a dever explicações sobre seu comportamento “desviantes”. E é aí que surgem as primeiras complicações. Interpelada por seus vizinhos, a senhora Frola, que não mora com a filha e o genro, apresenta uma primeira versão segundo a qual o genro, por um amor obsessivo-possessivo, não permite que ela visite a filha, já que esta, segundo Ponza, não seria a filha de Frola, mas sua segunda esposa, com quem ele teria casado depois da morte daquela.

Histeria coletiva

Em seguida, o senhor Ponza expõe uma versão oposta e não menos coerente ou plausível, afirmando que a pobre Frola havia enlouquecido com a morte da filha e, por piedade, ele e sua nova esposa faziam uma espécie de cena a fim de que a sogra vivesse na ilusão de que a filha continuava viva.

Diante da indecisão que se instala, a cidade, representada nas figuras do Conselheiro Agazzi, do Prefeito, do Comissário e de senhores e senhoras que acorrem em busca de notícias decisivas, faz todas as diligências para descobrir de que lado estaria a verdade. Acontece que a família vem de uma cidadezinha arrasada por um terremoto (lembremo-nos do devastador terremoto de Messina, em 1910), e os poucos sobreviventes não são capazes de fornecer testemunhos decisivos.

Pirandello então executa uma segunda torção na peça: confrontados com a aporia e a impossibilidade de decidir quem seria o louco da trama, os pacatos cidadãos da cidade entram num estado de histeria coletiva e instauram um autêntico interrogatório a fim de extrair a verdade dos forasteiros – o Outro –, não hesitando

em recorrer à tortura psicológica e à intimidação autoritária.

Tanto o senhor Ponza quanto a senhora Frola acusam a violência a que são submetidos e ameaçam abandonar a cidade. É então que, intimada a comparecer diante de todos, ao final do terceiro ato a senhora Ponza surge no gabinete do Conselheiro Agazzi, vestida de preto e com um véu espesso que lhe oculta a face, e profere a mais famosa frase da peça: “Para mim, sou aquela que se crê que eu seja”, assumindo a condição de fantasma e abdicando de toda a subjetividade.

O pano desce sobre a gargalhada de Laudisi, cunhado do Conselheiro Agazzi, que na peça funciona como uma figura metadramática, comentando as cenas e postulando a inexistência de uma verdade.

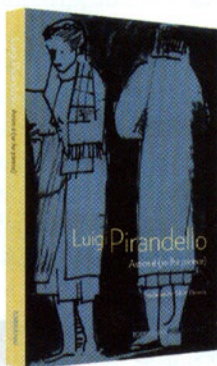
Dito isso, é preciso lembrar que *Assim É...* deriva diretamente da novela *A Senhora Frola e o Senhor Ponza, Seu Genro*, em que a figura espectral da senhora Ponza jamais se dá a ver. No teatro, sua aparição é de grande impacto, mas ao mesmo tempo, por seu caráter alegórico, dilui algo que, na novela, permanecia no campo do discurso e das relações sociais.

Sua fala enfatiza exclusivamente a derrocada da Verdade, obscurecendo o outro polo da peça e da novela: a violência de que todos participam, como vítimas e carrascos, em nome da coesão social. ■

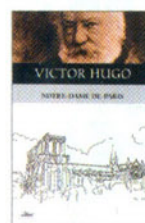
Maurício Santana Dias é professor de literatura italiana na USP

Assim É (Se Lhe Parece)

Luigi Pirandello
Trad.: Sérgio N. Melo
Tordesilhas
200 págs.
R\$ 37



LANÇAMENTOS



Notre-Dame de Paris

Victor Hugo

Trad.: Ana de Alencar e Marcelo Diniz

Estação Liberdade

584 págs. – R\$ 69,80

O clássico da ficção romântica francesa escrito por Victor Hugo (1802-1885), que apresentou Quasimodo – vulgo Corcunda de Notre-Dame, na animação da Disney –, ganha nova tradução realizada com base em pesquisa de professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O prefácio é assinado por Louis Chevalier, eminente historiador que dedicou seus estudos à cultura francesa.



O Horla – A Cabeleira – A Mão – O Colar

Guy de Maupassant

Org.: Paola Felts e
Adriane Sander

Artes e Ofícios

112 págs. – R\$ 27

Ao longo de uma carreira conduzida sob a tutela de Gustave Flaubert, o escritor francês Guy de Maupassant (1850-1893) produziu contos como “O Horla”, um dos quatro desta edição. A história narra, em forma de diário, o horror de um homem que crê estar sendo perseguido por um ser invisível e que só pode ser destruído pelo fogo.



A Arte do Drama

Ronald Peacock

Trad.: Barbara

Heliodora

É Realizações

320 págs. – R\$ 69

Dividida em capítulos concisos, a obra parte de uma análise sobre as relações entre dramaturgia e linguagem poética para analisar diversos aspectos do gênero drama, como a representação, o sentimento, o cenário, as palavras e os meios de expressão. Entre os temas, estão os diversos modos de poesia no drama, a relação da poesia com a música e o realismo do fim do século 19.